

O papel do orientador educacional diante da prática do professor em sala de aula frente à defasagem da leitura

Alexsandra Lima dos Santos

RESUMO

A leitura está presente em nossas vidas a todo instante. É fato que é através da leitura que desenvolvemos nossa criticidade. Ela é de grande importância na vida de todos e é por este motivo que esta pesquisa teve como finalidade investigar e refletir sobre as práticas desenvolvidas na sala de aula. Diante disto, entendemos que é na prática de leitura que poderemos observar se esta prática está sendo prazerosa ou apenas sendo mais um mecanismo de imposição. Para tanto, o professor se faz peça fundamental no desenvolvimento de tal prática, onde desperte no aluno o interesse pela leitura, compreendendo e questionando o que está sendo lido.

O objetivo deste estudo será mostrar a importância da leitura em sala de aula do ensino fundamental (séries iniciais), seus aspectos pedagógicos, enfatizando a importância do professor juntamente com o apoio do orientador educacional como canal no despertar desta leitura.

Palavras Chave: Leitura, professor, aluno, orientador educacional.

ABSTRACT

The reading is present in our lives at any moment. It is in fact through reading we develop our criticality. It is of great importance in everyone's life and it is for this reason that this research aimed to investigate and reflect on the practices in the classroom. Given this, we believe it is the practice of reading that we can see if this practice is being pleasurable or just being another enforcement mechanism. To do so, the teacher becomes instrumental in the development of this practice, which awaken in student interest in reading, understanding and questioning what is being read.

The objective of this study is to show the importance of reading in class of primary school (first series), their pedagogical aspects room, emphasizing the importance of the teacher along with the support of the counselor as a channel in the wake of this reading.

Keywords: Reading, teacher, student, counselor.

Introdução

Ler significa se informar, questionar, estudar, conhecer, aventurar, refletir, imaginar, através da leitura podemos criar novas possibilidades, novos caminhos. É através da leitura que podemos compreender o mundo, trazendo novos sentidos ao indivíduo leitor.

A escolha deste tema se deve ao fato de verificarmos, como está sendo desenvolvido este despertar da leitura na escola e como o Orientador Educacional através de seu compromisso com a educação poderá ajudar o professor nesta importante tarefa que é o

gostar da leitura. É fato que em muitas escolas crianças estão sendo obrigadas a leem para cumprir tarefas avaliativas. Sendo assim a leitura tem se passado como um ato imposto e não como algo que traz prazer.

A partir destas observações procuramos analisar e refletir sobre o como está sendo colocada a leitura para estes alunos, e em que medida o professor está desempenhando a leitura em prol de despertar e promover o hábito nestes alunos.

O professor como principal fonte de aprendizagem torna-se um importante aliado em prol da leitura, cabe ao mesmo, buscar, promover, incentivar uma leitura prazerosa, formando com isso, leitores para a vida toda.

Os principais autores analisados em nossa pesquisa foram: Demo, Soares, Freire e Villardi. Demo e Freire enfatizam a importância de uma leitura crítica, no sentido que, a ideia do texto lido não é uma verdade absoluta e sim apenas um caminho para a construção de novos pensamentos, questionando e refletindo, com isso, os autores citados trouxeram uma contribuição significativa, pois enfatiza a todo o momento que é preciso delegar autonomia ao educando, para que o mesmo possa construir a sua visão de mundo não aceitando o que é imposto, ou seja, a mera decodificação. Demo afirma que, a leitura formal é a pura decodificação de nosso código linguístico, com isso, não há um aprofundamento do que se lê, em contrapartida, o autor fala da importância da leitura política como um meio de intervir na sociedade atual, saber questionar o seu lugar na mesma.

Soares trouxe para a nossa pesquisa os diferentes aspectos de letramento, onde a sociedade poderá influenciar o indivíduo a mergulhar nas práticas sociais de leitura, ou seja, os mecanismos que cada indivíduo cria para ler, pois segundo a autora vivemos em um mundo rodeado de textos informativos, logo uma pessoa poderá ser considerada analfabeta, contudo está mergulhada no letramento, pois a mesma faz uso da escrita ao ditar uma carta, ao pedir que se leia uma notícia de jornal. Complementando, a autora salienta que existem níveis de letramento, logo, mesmo sendo alfabetizado o indivíduo poderá não ser considerado letrado, pois apenas lê para satisfazer as exigências da sociedade.

Villardi fala da desconstrução do prazer da leitura que acontece na instituição escolar ao longo dos anos iniciais do ensino fundamental, sendo assim, a autora nos

mostrou que é preciso mostrar a leitura para o educando de forma prazerosa e não como uma imposição.

Na primeira parte, mostraremos o conceito de leitura, onde acontece a leitura, sua importância no ensino aprendizagem dos alunos, falaremos da importância do professor leitor nesta importante tarefa, procurando mostrar que leitura é ir além de decodificar nosso código linguístico, procurando compreender quem é o leitor de hoje e mais importante enfatizando a importância da leitura na vida do educando.

Na segunda parte, relataremos a importância da prática pedagógica consciente, trazendo a escola como lugar privilegiado para tal prática, enfatizando a importância destas práticas num ambiente que proporcione a leitura prazerosa.

E por último são mencionadas nossas considerações finais que buscam mostrar a leitura como fonte de aprendizagem significativa.

1. O que é leitura?

Sabemos que é nos anos iniciais do ensino fundamental que a criança poderá aprender a ler e a escrever. Sendo assim, cabe ao educador a responsabilidade de não só ensinar a ler mais principalmente de mostrar a importância da leitura não só na escola, mas principalmente na sociedade. Segundo Freire (2006, p.97) “O ponto de partida para esta prática compreensiva é saber é estar convencida de que a educação é uma prática política”.

Buscamos embasamento teórico que enfatiza a importância da leitura e da postura docente, que deve ser comprometida com a difícil tarefa de ensinar a decodificar o nosso código linguístico, mas principalmente de ler criticamente o mundo. São eles: Aranha (2006), Bossa (2000), Charmeux (2000), Demo (2006), Ferreiro (2001), Freire (1996, 2006, 2008), Gandin (2010), Grinspun (2008,2008), Martins (2006), Melo (2003), Multieducação (1996), PCNs (2000), Porto (2009), Soares (2002, 2006), Smolka (2008), Villardi (1999) e Weisz (2006).

Falar do ensino da leitura na escola, nos leva a refletir sobre como é ensinado o código linguístico. Que na maioria das vezes consiste em ensinar frases fora da realidade do aluno e com duplo sentido. Como neste caso Smolka (2008) analisando a leitura nos conta:

Na leitura de “A mamãe afia a faca” a criança revela que do seu ponto de vista, não há uma lógica explícita pela “gramática”, mas há necessidade de articulação de um sentido. Para a criança, não existem elos sintáticos óbvios nessa leitura (em geral, a leitura e a escrita na escola não querem dizer nada mesmo), mas ela estabelece elos semânticos, pragmáticos, discursivos, com base no seu esquema interpretativo, ou seja, a oração que a professora escolheu (copiou da cartilha) para ensinar a ler e a fixar a letra F foi lida e interpretada pela criança de acordo com a sua experiência de vida e de linguagem, e (aparentemente) decomposta em termos isolados – A mamãe, a fia (a filha), a faca. Mas nessa decomposição a criança revela precisamente a tentativa de preencher os vazios de articular e relacionar os termos - por que ela (a mãe) diz: “Vem cá minha filha, (traz) a faca” (SMOLKA, 2008, p.61).

Como podemos observar é imprescindível ao ensinarmos a leitura e a escrita as articularmos com a realidade do educando e não com frases sem sentido ou com sentido ambíguo. Desta forma, o aluno notará que a fala e a escrita se articulam, ou seja, podemos escrever o que falamos.

Sendo assim, “Ler é procurar ou buscar criar a compreensão do lido daí, entre outros pontos fundamentais a importância do ensino correto da leitura e da escrita”. (FREIRE, 2006, p.29).

Segundo Martins, (2006, p.7): O ato de ler tem o seguinte questionamento: “Bastará, porém decifrar palavras para acontecer à leitura?”. As leituras oferecidas às crianças, em geral são desmotivadoras, por esse motivo, existem tanta resistência ao ato de ler. Só se aprende a ler, praticando a leitura, não adianta desvalorizar o que o aluno traz consigo como experiência de leitura e achar que só a partir do momento em que o professor abrir o livro, o aluno irá aprender a ler. Temos que dar ênfase às experiências pessoais dos alunos para que os mesmos se sintam na condição de ir além. É preciso visualizar o problema e partir para uma ação de solução do mesmo, só assim estaremos incentivando o aluno a ser leitor basicamente de tudo.

Segundo Martins (2006) “A psicanálise enfatiza que tudo quanto de fato impressionou a nossa mente jamais é esquecido [...]. Essa constatação evidencia a importância da memória tanto para a vida quanto para a leitura” (p.19).

Villard, (1999) diz que:

[...] Para justificar a necessidade da formação do leitor, há que se admitir que toda a dinâmica da vida escolar está centrada na capacidade de ler e compreender bem o que foi lido. Inúmeras são às vezes em que, em reuniões de professores, colegas da área de Matemática, por exemplo, queixam-se de que seus alunos não resolvem os problemas

propostos “porque não sabem ler”. Portanto dificuldades de compreensão afetam diretamente o desempenho do aluno, não só no que diz respeito à linguagem, mas em todas as áreas do conhecimento, e o mais grave, durante toda sua escolaridade. (p.4)

Tais excessos de “gramatiquices” têm afastado nossos alunos das salas de aula, levando-os a se sentirem incapazes. Outro fator importante foi observarmos como, infelizmente, os professores acreditam que as crianças nada sabem ler, e só quando entram na escola vão começar a aprender. E a bagagem que já trazem? E a leitura de mundo? (FREIRE, 2008).

É relevante ressaltar que, mais uma vez, a importância da família nesse processo. No entanto, para a escola, esse processo de leitura está focado nos procedimentos da ação nas escolas. Percebemos que professores leitores resultam em alunos leitores.

1.1 Onde acontece a leitura?

Ao entrar na escola a criança traz consigo seu conhecimento de mundo, pois há um mundo de coisas que as mesmas trazem de casa. Não existe um zero absoluto, todos chegam com níveis diferenciados.

O contato com o mundo letrado: outdoor, panfletos, embalagens, anúncios, etc. As tornam portadoras da “leitura do mundo”. Contudo, em grande parte das vezes, este conhecimento não é levado em consideração.

É nesta leitura de mundo que ocorre o letramento, pois o mesmo se dá pela ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever, entretanto vai além de decodificar palavras. Na atual sociedade é preciso estar inserido no letramento, respondendo assim, as exigências de leitura e escrita que nos confrontamos diariamente.

Letramento é ler nas entrelinhas, compreender além das palavras, é estar mergulhado nos diferentes tipos de leitura.

Segundo Soares (2006, p.43):

Letramento é usar a escrita para se orientar no mundo (o Atlas), nas ruas (os sinais de trânsito), para receber instruções (para encontrar um tesouro... para montar um aparelho... para tomar um remédio), enfim, é usar a escrita para não ficar perdido.

É imprescindível que o educador tenha um olhar embasado no conhecimento teórico que a criança durante o processo de alfabetização passa por etapas importantes.

Durante este processo, a escrita da criança pode ser apenas rabiscos. Segundo Ferreiro (2001, p.17). “Essas escritas infantis têm sido consideradas displicentemente como garatujas “puro jogo”, o resultado de fazer “como se” soubesse escrever”.

O educador consciente de sua responsabilidade pedagógica acompanhará o processo de alfabetização da criança sabendo que a mesma terá um longo caminho a percorrer, [...] “até chegar a uma exigência rigorosa: uma sílaba por letra, sem omitir sílabas e sem repetir letras” (Ferreiro, 2001, p. 25).

Durante o processo de alfabetização, a criança compreenderá que a grafia representa o fonema da língua. Porém, algumas dificuldades poderão existir, como: Ortografias e separações entre orações. Contudo, estes problemas serão sanados ao longo do processo escolar. Sendo assim, cabe ao educador não exigir da mesma aquilo que ela não é capaz de realizar sozinha, mas que com o tempo poderá fazê-lo.

Percebemos que o livro, como fonte de conhecimento não é valorizado em nossa cultura. Na maioria das vezes, o único contato que o aluno tem com os livros é na escola, sendo imprescindível que a leitura em sala de aula não esteja voltada unicamente ao livro didático. Precisamos ter a consciência que não basta ensinar a decodificar o nosso código linguístico, bem como escrever e sim de vivenciar e entender o lido, dando sentido ao mesmo.

1.2 Quem é o leitor?

O leitor é o sujeito que consegue lê e compreender as informações que a leitura transmite, posicionando-se de maneira crítica e não simplesmente aceitando tudo de forma passiva. (Villard, 1999)

É importante ressaltar que para alguns alunos a escola é a oportunidade de terem contatos com o material de leitura, com isso, concordamos com (ANA E RUTE, 1995, P.54 apud VILLARDI, 1999, p.66) que diz:

Às vezes a escola é a única oportunidade que as crianças têm de entrar em contato com a leitura. Mas a leitura não pode ser encarada como uma obrigação escolar, nem selecionada pelo que tem de “mensagem”. Deve ser posta na escola como educação artística, não como lição ou tarefa. O texto não pode ser usado, por exemplo, para aula de gramática, a não ser de maneira muito viva, engraçada, interessante. Se assim não for, vira obrigação e, como diz Lobato, “é capaz de vacinar a criança contra leitura para sempre”.

O professor precisa promover atividades significativas a fim de levar o aluno a perceber que as leituras feitas na hora das tarefas são necessárias, no entanto nada o impedirá de ler um bom livro a sua escolha no tempo que tiver livre.

O professor precisa ter a preocupação de selecionar livros didáticos, que trabalhem dentro da realidade do aluno; tornando assim mais prazeroso ler em sala de aula. “A escolha do livro a ser lido por um grupo de alunos é de fundamental importância do gosto do aluno para leitura. É um interesse e a maturidade do leitor que deverão direcionar a escolha”. (RICHE, R. & HADDAD, L. 1994, p.195 apud VILLARDI, 1997, p.69).

Vale ressaltar que um bom livro, não se reconhece pela capa, é preciso analisar a maturidade da turma para só assim se recomendar a leitura de determinados livros ou até mesmo a leitura do livro didático.

É fundamental que o professor seja um leitor, pois só assim contribuirá na formação de leitores críticos, capazes de interagir com o mundo. Assim o ato de ler tem que ser uma prática prazerosa na vivência docente.

Cabe ao professor despertar no aluno o gosto e hábito pela leitura, sendo ele interessado, determinado e paciente. Não existe uma receita pronta, o que deve ser feito é praticar a leitura frequentemente.

A contribuição da família também é um fator muito importante, pois para ser um bom leitor, é preciso se ter uma construção do ato de ler, e esse ato deve ser contínuo, começando na família, educação infantil e nas demais etapas escolares, não tendo um fim e sim um eterno aprimoramento.

Os professores devem ser bons exemplos, pois bem sabemos que os alunos os imitam. Villardi (1997, p.11). Complementa: “Há de ser desenvolver o gosto pela leitura, afim de que se possamos formar um leitor para toda a vida”.

1.3 Por que se ler?

Durante muitos anos a escola era algo privado para aqueles que podiam viver do ócio. Período este de grande dominação. A elite outrora educada para comandar usava o seu poder, sua dialética, para oprimir o proletariado tido como dominado. Uma vez que não tinham títulos de nobreza, terras e o mais importante, não eram alfabetizados. (Aranha, 2006).

Na revolução industrial a leitura entra em questão, pois neste momento de grandes descobertas tecnológicas, se faz necessário alfabetizar. Contudo o ponto é ler para adaptarem-se as inovações tecnológicas. Neste cenário entra em cena a democratização da escola, o privilégio de uma pequena parcela da população, passa neste momento ser algo para todos, ou pelo menos era essa a ideia a ser divulgada. A escola passa a ser vista como um meio de ascensão social ou a redentora da humanidade, outrora, servindo a burguesia, que não desejava uma mudança social. Contudo, a sociedade capitalista se viu obrigada a ampliar o que era restrito, ou seja, a educação escolar para a classe subalterna, dando o mínimo para continuarem dominados, contudo eficientes.

Desencadeando-se assim a organização da educação na escola, que deveria ensinar a ler mecanicamente, uma leitura longe da reflexão da qual a elite era acostumada. Surge com isso, uma educação paralela, a da elite, cujo objetivo era ensinar a arte da retórica, da reflexão.

Durante esses momentos de transformação a qual a escola passou, desencadeou-se a preocupação de dar somente o mínimo no sentido educacional aos filhos do proletariado, tendo em mente que o destino dos mesmos era as fábricas, não como trabalhadores pensantes, mas sim eficientes e submissos.

A partir de então a sociedade escolar começou elaborar métodos e instrumentos pedagógicos, para ensinar a decodificar o nosso código linguístico. Um saber longe da abstração, da reflexão e da argumentação a qual a elite fora acostumada.

1.4 O professor é leitor?

Tal pergunta nos reporta a uma reflexão de grande impasse já que um professor poderá não ser leitor? Sabemos que por mais que isto cause uma grande polêmica ainda existem professores não leitores e é neste sentido que procuramos entender o sentido desta questão.

É fato que muitos alunos espelham-se em professores para o aperfeiçoamento de sua aprendizagem. Dada a complexidade de tal incumbência sabemos que muitos alunos só têm acesso a um livro na escola. Mesmo tendo tal importância o papel do professor, muitos deles, ainda não conseguem ou não conseguiram adquirir o hábito pela leitura. Fator este que vem alarmando já que o aluno vem para a escola com uma bagagem de leitura do mundo.

Outro fator que influencia no fracasso pela leitura é o fator socioeconômico e as diferenças sociais já que muitos alunos não têm o acesso que deveria ter com livros e outros meios de leitura e neste sentido concordamos com (BOURDIEU, 1982, p.128 apud MELO, 2003, p.47) quando diz: “Que a desigual distribuição entre as classes sociais do capital linguístico escolarmente rentável constitui uma das mediações mais bem dissimuladas pela qual se instaura a relação entre origem social e êxito escolar”. E nisto Melo (2003) e Demo (2006) concordam, pois, hoje as classes sociais mais prejudicadas são as que sentem tais diferenciações em sua aprendizagem. O fator social e esta diferença causam consequências que refletirão na aprendizagem destes alunos. Muitos alunos acabam chegando ao ensino médio com muitas dificuldades e com isso começam a sentirem-se incapazes devido às desigualdades em prosseguir com seus estudos. E, com isso, Melo (2003) afirma que: “Os alunos revelam o grande medo, apesar do desejo, de continuar seus estudos, pois sentem não estar preparados”.

Melo (2003) ao verificar que estes alunos são do ensino médio com formação de professores torna-se ainda mais inquieta, já que são alunos que estão sendo “preparados” para iniciar uma formação com a fase inicial do aprendizado. Daí a importância da pesquisa de Melo (2003), pois demonstra a dificuldade destes alunos que serão futuros professores.

Com isto, fica a pergunta: Como atuarão estes alunos já que se sentem despreparados para o exercício de sua profissão?

Sabemos que dificuldades existem e sempre existirão, porém, sabemos que cabe ao professor consciente de sua responsabilidade despertar este educando a leitura. Cabe a ele usar sua aprendizagem e todo seu conhecimento em prol do aluno.

Esta atuação de professores leitores fará com que alunos não só leiam mais também entendam o que estão lendo.

Para tanto, não basta à leitura somente, e sim o real entendimento e sua compreensão. Daí a importância de variados textos, possibilitando uma aprendizagem significativa que venha despertar no aluno sua criticidade. Na verdade a educação tem servido a interesses egoístas, uma espécie de pano de fundo, sendo assim compartilhamos do pensamento de (DEMO, 2003 apud DEMO, 2006, p.46) quando diz que:

Ler pode ser ato banal, sobretudo hoje ao tornar-se mero pressuposto para viver de maneira minimamente adequada nesta sociedade, mas podem abrigar intensa potencialidade política, se abarcar a habilidade de confrontar-se com a realidade, desconstruindo-a e reconstruindo-a sob o signo do saber pensar. Na história sempre foi assim: os sistemas socioeconômicos e políticos não têm medo do pobre com fome; tem medo do pobre que sabe pensar. Segue daí o cultivo da ignorância escolar, para que os privilégios históricos sejam mantidos/alargados. Ler, nesta acepção, é alavanca fundamental do combate à pobreza política.

Diante da possibilidade de ensinar a ler apenas para servir a interesses egoístas, a escola guiada pela elite outrora tendo uma visão linear do público alvo, que seria a população carente, a leitura como meio de libertação e ascensão social não se faz necessário, pois não precisa ensinar a questionar para formar trabalhadores obedientes. “Ao fundo, o sistema se satisfaz com esta miséria, porque cultivando a falta de leitura ou a leitura trivial e facilitada, mantém a população como massa de manobra”. (DEMO, 2006, p. 72).

Portanto, observamos que o proletariado é modelado segundo a visão elitizada do sistema capitalista, que dita o tipo de leitura que deve ser ensinada no aparelho ideológico do Estado, a escola pública, cuja finalidade foi e ainda é o de manter o marginalizado preso aos grilhões da alienação.

1.5 Quem lê?

Ao depararmos com a pergunta quem lê? Passamos a perceber que a leitura acontece desde a tenra idade, pois segundo Martins (2006, p.11) ela acontece, “Desde os nossos primeiros contatos com o mundo [...]”.

Começamos assim, a perceber as diferentes leituras que nos cercam, bem como sinais de trânsito, receitas, revistas, manual de instruções, entre outros, o que nos leva a leitura constante. (Soares, 2006).

Com isso compreendemos que mesmo aqueles indivíduos considerados analfabetos leem o mundo, pois participam das práticas sociais de leitura. Portanto, afirma Martins (2006, p.34) que: [...] “Aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados”.

Em face disso, cada um ao lê cria suas próprias condições de compreensão, construindo sua visão de mundo. Portanto Soares (2006, p.43) diz que ler: [...] “É descobrir alternativas e possibilidades, descobrir o que você pode ser”.

Logo, ler não se restringe a decodificar nosso código linguístico. Portanto é imprescindível a leitura crítica de mundo e não simplesmente a aceitação da realidade vigente, pois aquele que lê com autonomia e criticidade exerce seu poder de questionar não aceitando o pensamento do outro como verdade absoluta. (Demo, 2006)

A leitura é o caminho para os diferentes conhecimentos. Aquele que lê, passa a ser uma pessoa culta, com novos horizontes a serem trilhados, pois aquele que faz uso da leitura e da escrita, se expressa, escreve e interpreta a realidade a qual está inserida de uma maneira a construir uma identidade pessoal que levará a autonomia, logo:

Lemos para dar conta da realidade e de todos os desafios que dela recebemos ou a ela impomos. A cidadania é a referência maior. Uma democracia de qualidade só é possível com uma população que sabe pensar: Saber pensar inclui entre outros ingredientes, saber ler. (DEMO, 2006, p.7).

Lemos para darmos conta das exigências da sociedade. Ter consciência das diversas formas de leitura presente em nossa sociedade nos dará a visão de que lemos a todo o momento. De acordo com os PCNs (2000, p.57) “A leitura por si só age comum a prática social, é sempre o meio, nunca o fim. Ela é uma resposta aos objetivos e a uma necessidade pessoal”.

2. Escola como lugar privilegiado

A escola tem um papel bastante importante na vida dos educandos. É ela quem iniciará o processo da leitura na sala de aula e também buscará incentivar a leitura de mundo.

O ato de motivar é importante já que toda criança necessita de um estímulo, é através desta motivação constante que o indivíduo poderá tornar-se capaz e adquirir a leitura como parte fundamental para seu aprendizado. Com isso, os professores, a escola, são fundamentais neste processo e por isso, concordamos com Demo (2006, p.23) que diz: “A aprendizagem parte de palavras com significado afetivo e efetivo para o leitor”. A escola como lugar privilegiado fará com que as crianças sintam-se seguras trazendo nas leituras significados e não textos soltos sem sentido com a realidade. (SMOLKA, 2008)

É fundamental que a escola juntamente com (professores, orientadores educacionais, pedagógicos), enfim, com toda equipe, busque caminhos para uma aprendizagem significativa. Para tanto cabe a equipe o ato de pesquisar, promovendo com compromisso estratégias que visem despertar nos alunos a leitura. Não são somente métodos que farão com que os alunos leiam ou o despertem para a leitura, e sim os estímulos juntamente com o método certo. Cabe à escola e especificamente aos orientadores entender a particularidade de cada aluno para então através das observações buscar promover uma aprendizagem para a vida toda. Com isso concordamos com Demo (2006, p.25) quando diz:

No fundo, o professor precisa desenvolver “seu método”, a partir da pesquisa de outros, de autores e teorias, sem reproduzir. Mais decisivo não é aplicar o método, mas saber compreender a criança no seu todo, em especial suas dificuldades de aprender.

Ao analisarmos a fala do autor percebemos o quanto é importante a atuação do orientador educacional frente a defasagem da leitura buscando compreender as dificuldades do aluno juntamente com o professor. Assim, uma escola compromissada em observar a realidade de seus alunos, é ela a responsável pelo incentivo da leitura é através dela que cada professor responsável também por este ato, provocará em seus alunos a motivação dando ideias abrindo questões que em conjunto farão com que caminhos sejam seguidos no intuito de despertar a leitura nestes alunos.

É importante salientar que o professor que busca caminhos, que está sempre pesquisando aberto a novos olhares estará incentivando nestes alunos o ato de ler. É na escola que muitos alunos serão despertados para a leitura é ela, a leitura, que construirá a formação de verdadeiros leitores, ou seja, aquele que interpreta e entende seu real significado. Com isso, Demo (2006, p.27) diz: “Leitura bem feita é formativa, no sentido de que reestrutura as ideias e expectativas, reformula os horizontes”. Neste sentido é da escola o principal papel é ela quem através de suas práticas de aula, suas pesquisas seus olhares, quem motivará a leitura destes alunos.

Podemos considerar que é através das várias leituras ensinadas na escola que o aluno aprenderá a questionar o que lê estará sempre buscando novas leituras e novos conhecimentos. Como diz Demo (2006, p.27): [...] “Quem não sabe pensar, acredita no que pensa. Mas quem sabe pensar, questiona o que pensa”.

Para tanto, cabe a escola usar de sua criatividade, sua sabedoria, suas pesquisas, incentivar seus alunos a pensar de forma crítica.

2.1 Práticas de Leitura

Discutir sobre as práticas desenvolvidas em sala de aula presume inicialmente a prática não-mecanizada, ou melhor, será necessária uma prática consciente, onde o processo ensino-aprendizagem priorize a compreensão e o entendimento dos educandos.

Não é difícil percebermos a importância do comprometimento docente, onde desempenha papel fundamental no desenvolvimento do ensino, através da compreensão na leitura dos educandos e de toda sua formação.

Nossa tarefa como educadores/Orientadores não é a de ser apenas transmissor de conteúdo, e sim de professores dispostos a promover meios que auxiliem os alunos em seu aprendizado, tendo consciência de sua importância. Com isto, compartilhamos da mesma opinião de Freire (2006, p.47) ao afirmar que:

A prática educativa, pelo contrário, é algo muito sério. Lidamos com gente, com crianças, adolescentes ou adultos. Participamos de sua formação. Ajudamo-los ou os prejudicamos nesta busca. Estamos intrinsecamente a eles ligados no seu processo de conhecimento.

Daí a importância de educadores comprometidos com o processo ensino-aprendizagem. Consciente da influência do educador vale lembrar que, cabe a ele o olhar atento, o olhar pesquisador a fim de verificar o desenvolvimento da leitura-escrita como um processo construtivo. Com isto, o educador no processo de ensino também será sujeito de aprendizagem e neste processo afirma Freire (1996, p.23), “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

Sabemos que muitas escolas não recebem todos os livros e por isso acabam prejudicados no desenvolvimento de seu trabalho. Vale lembrar que vivemos em um mundo circundante de todas as letras e caberá ao educador desenvolver sua criatividade com os materiais disponíveis. No entanto, Weisz (2006, p.23) diz que: [...] “A função do professor é criar condições para que o aluno possa exercer a sua ação de aprender participando de situações que favoreçam isso”.

Consideramos de real importância à construção deste conhecimento. Desta forma afirma Ferreiro (2001, p.95) que [...] o desenvolvimento da leitura-e-escrita é um processo

construtivo. Para tanto, fica clara a importância do professor. Cabe a ele o esforço, a dedicação na evolução da aprendizagem de seus alunos.

Podemos, portanto, dizer que o educador que cria momentos para a prática da leitura estará construindo o gosto pela leitura, promovendo também um enriquecimento neste aprendizado. Queremos acreditar que o desenvolvimento para um bom trabalho educacional se faz a partir do empenho estabelecido pelo professor juntamente com uma equipe de orientadores comprometida com o aprendizado. Por isto concordamos com Freire (1996, p.96) quando diz que [...] “Não é possível exercer a atividade do magistério como se nada ocorresse conosco. Como impossível seria sairmos na chuva expostos totalmente a ela, sem defesas, e não nos molhar”. Com isto, não podemos exercer esta função sem ter, em contrapartida, um comprometimento com estes alunos. Pois são eles, através de nosso trabalho como educadores, que demonstrarão através das práticas desenvolvidas em sala de aula seu real entendimento. Este olhar atento de nossos alunos trará reflexões sobre algumas práticas que precisarão ser reformuladas, com o intuito de estabelecermos qualidade no desempenho de nosso trabalho e no aprendizado dos alunos.

Torna-se necessária uma prática constante, onde o sujeito “professor” se faz peça fundamental para o estímulo de seus alunos. Por isto, para que este professor venha despertar o interesse em seus alunos, deverá colocar como práticas, leituras como parte fundamental de seu currículo pessoal. Com isto, o olhar atento dos alunos em relação ao professor leitor será constante causando estímulo e aumento do interesse pela leitura. Sabemos que só se aprende a ler lendo. É importante esta prática, pois muitos alunos não têm a oportunidade de ver um livro no meio em que vive. Muitas vezes esta tarefa fica a encargo da escola, e, é aí, que o papel do professor, e de sua equipe, se faz de grande valia no campo educacional.

Sabemos que durante toda a vivência humana esta problematização ainda permanece nos dias atuais. Cabe ao educador e sua equipe pedagógica proporcionar meios para a aprendizagem. Na maioria das vezes, o único contato que o aluno tem com os livros é na escola, sendo imprescindível que a leitura em sala de aula não esteja voltada unicamente ao livro didático. Precisamos ter a consciência que não basta ensinar a decodificar o nosso código linguístico, bem como escrever e sim de vivenciar e entender o lido, dando sentido ao mesmo.

Em primeiro lugar, o professor consciente de sua responsabilidade pedagógica, saberá que para formar alunos leitores, ele mesmo deverá ser o exemplo de um professor leitor. Para tanto, se faz necessário que os alunos os veja lendo livros literários, jornais, textos informativos, etc. e mais, que os use em suas aulas e que os comentem, pois ao agir assim, o professor estará evidenciando que a leitura faz parte do seu dia a dia.

A leitura como prática permanente do aluno, o ajudará a ser uma pessoa autônoma e crítica. Pois, através da leitura, temos a oportunidade de conhecer culturas diversas, países, viajarem no tempo, etc., contudo sem sair do lugar. Desafiar o aluno a ler é responsabilidade do educador, que em muitos casos é o seu único exemplo de leitura. Sendo assim, cabe ao mesmo a incumbência pedagógica de enfatizar, vivenciar não só em palavras, mas principalmente em ações concretas de que a leitura se faz importante na vida de todos, pois segundo Soares (2006, p.36): [...] quem aprende a ler e a escrever e passa a usar a leitura e a escrita, a envolver-se em práticas de leituras e de escrita, torna-se uma pessoa diferente, adquire outro estado, uma outra condição.

Vale ressaltar que diante de tantos conteúdos e métodos não adiantaria nada se o professor não tiver a comprometimento com a aprendizagem de seus educandos. O que está em jogo, são alunos que por si só, trazem uma bagagem de conhecimento adquirido no mundo. Daí a importância do professor consciente que sua prática, de acordo com Demo (2006, p.25):

[...] não é aplicar o método, mas saber compreender a criança no seu todo, em especial suas dificuldades de aprender. Professor autônomo e que sabe promover a autonomia dos alunos não adota patrono nem fórmula pronta, mas sabe aprender sempre, em cada circunstância, orientado pelo compromisso de garantir a aprendizagem de cada aluno.

Com isso, Demo (2006), nos deixa claro que não adianta o método se o professor não tiver consciência de sua importância no desenvolvimento da aprendizagem de seus alunos. Para que se tenha um aluno leitor o professor com seu olhar pesquisador identificarão os erros e acertos, para então, partir com propostas que visam despertar este aluno para leitura.

É fundamental que os orientadores e os professores estejam atentos aos problemas mencionados. Isto significa dizer, pronto a propor práticas que estimulem a leitura, trazendo como eixo a compreensão textual. Não é possível negar o quanto o educador precisa se preocupar com a relevância de sua influência, com isto:

O ato de ler exige certas condições para sua aprendizagem e, de modo especial, a integração do leitor a um grupo que realmente utiliza a escrita para viver e não para aprender a ler. A escrita tem que ter um vivo valor social de uso, o que transforma a leitura numa experiência social e numa necessidade (MELO, 2003, p.55).

Sendo a leitura um ato de uso, cabe ao professor a incumbência de tal ato. Com isto, transformar seus conhecimentos em práticas estimulativas mergulhadas no cotidiano escolar, observando a realidade em sala de aula, estabelecendo o eixo entre a compreensão e a leitura.

2.2 Quais são as práticas de leitura?

O ato de ler deve ser um prolongamento do ato de brincar; deve haver prazer na construção desse processo.

Não é possível negar que a relevante interferência das práticas de leitura e escrita, já que cada aluno tem seu modo próprio de construir conhecimentos, receitas e modelos não surtem o mesmo efeito para todos. Com isso:

Ao aprender a escrever, a criança tem que se libertar do aspecto sensorial da linguagem, substituindo as palavras por imagens de palavras [...] A escrita é, também um discurso sem interlocutor, dirigido a uma pessoa ausente ou imaginária ou alguém em particular, situação essa que para a criança é nova e estranha [...] Por outro lado, a ação de escrever exige da criança uma ação de análise deliberada. Quando fala, a criança tem uma consciência imperfeita dos sons que pronuncia e não tem consciência das operações mentais que executa. Quando escreve, ela tem que tomar consciência da estrutura sonora de cada palavra e reproduzi-la em símbolos alfabéticos, que têm que ser conhecidos previamente. (Multieducação, 1996, p.26)

Normalmente, nas salas de aula, os textos são lidos individualmente, sendo feitas proposições aos alunos para que façam a interpretação do que leram. Basicamente, está realizada solitariamente, e os erros e acertos são computados pelo professor, em função de uma resposta correta, previamente definida. (Multieducação, 1996, p.6).

Como bem observamos trabalhos isolados não são ideais para promover uma boa leitura, e a mediação pura e simplesmente para obter respostas já estabelecidas previamente, de nada acrescenta: “a lógica da leitura é diferente das regras de composição. A composição canaliza, a leitura, ao contrário, dissemina, associa ao texto outras imagens, outras ideias, outras significações”. (BARTHES 1997, p.31 apud MULTIEDUCAÇÃO 1996, p.7)

Sendo assim mais uma vez se evidencia a importância do compartilhar leituras e suas interpretações. A falta de prazer e coletividade nas leituras oferecidas nas escolas

torna-se altamente uma atividade mecanizada, unicamente para se obter nota. A escola deve fazer o aluno a vivenciar os diversos tipos de leitura, tais como. Jornal, revista, poemas, textos científicos etc.

A criança ao se envolver com um lugar promovido pela para leitura (escola), busca vencer o conflito do que leu e baseia-se na sua realidade para entender as informações que agora fazem parte da sua interpretação, seja ela aceita ou não. De acordo com Paulo Freire, em um de seus livros, ao se referir ao seu processo de alfabetização diz: “Eu aprendi a ler no quintal da minha casa. O chão era o meu quadro, os gravetos, o meu giz”. (PAULO FREIRE apud MULTIEDUCAÇÃO 1996, p.13)

Com as experiências vividas sobre o ato de ler, vemos o quanto é necessário estar em contexto com a realidade da criança para que o ato de ler aconteça de modo natural; não sendo necessariamente no âmbito escolar.

2.3 O trabalho do OE frente as dificuldades da leitura. O papel do Orientador Educacional na escola.

O compromisso é fator fundamental em qualquer função, portanto, se o orientador educacional acompanha a vida escolar dos seus alunos e assessora o professor no acompanhamento de sua turma possibilitará caminhos no despertar da leitura. Cabe ao Orientador Educacional observar o nível de aprendizagem dos alunos juntamente com os que fazem parte da escola e buscar estratégias em prol do despertar da aprendizagem e do gostar da leitura.

Diante disto, estabelecer na escola um sentido comum, de cumplicidade de família no desenvolvimento dos objetivos educacionais torna-se um grande aliado em favor de uma aprendizagem significativa, oportunizando assim, a troca de ideias, de inovações e criação conjunta do trabalho.

Neste sentido nada motiva mais o profissional do que o fato da organização aceitar as sugestões e ideias dos seus próprios professores e especialistas. Todos eles, devem contribuir para o alcance dos objetivos específicos da escola onde ensinam, podem contribuir também para que estes objetivos sejam revistos e melhorados continuamente. Sendo assim concordamos com LUCK (2008, p.44) que nos diz: “...a participação significativa atrai o comprometimento”.

Conclusão

É imprescindível a realização de propostas com o objetivo de investigar como o professor/orientador enquanto educador vê o seu papel frente ao ato de ler e como os mesmos fazem para incentivar a leitura e propagar a importância da mesma na vida do educando em todos os momentos.

Acreditamos na importância do planejamento para que o trabalho pedagógico seja significativo dentro da realidade do aluno, oportunizando o crescimento do mesmo para que eles se tornem cidadãos críticos e atuantes em nossa sociedade.

É tarefa de o professor oferecer leituras prazerosas, informativas, ou seja, diversificada, não ficando presa somente a leitura dos livros didáticos. Para que isto aconteça é necessário que o educador inclua nessas aulas momentos de leitura livre e prazerosa e que o mesmo se coloque na posição de leitor, podendo assim, assumir o papel de exemplo de professor leitor para seus alunos. Com essa atitude possivelmente o aluno poderá ser um aluno leitor.

Os dois professores estudados acreditam na importância da leitura, porém um deles (rede pública) não assume seu papel de formador de leitores, visto que sua maior preocupação é com sua própria formação, não sobrando tempo para se organizar e oferecer uma leitura de qualidade para seus alunos. Já a outra professora (rede privada), oferece uma leitura diversificada, desde jornais, revistas, gibis, os livros oferecidos pela biblioteca da escola ou o que trazem de casa. A mesma acredita que isso facilitará na hora de estudar os conteúdos em sala, o que de fato acontece.

Enfim, é relevante salientar que a escola pública pesquisada procura desenvolver o gosto pela leitura, oportunizando momentos semanais na sala de leitura, porém a biblioteca não funciona em tempo integral o que dificulta o acesso dos demais educandos. Diante das pesquisas teóricas a escola em questão deixa a desejar no que diz respeito à possível formação do aluno leitor, pois a turma pesquisada desta escola não tem motivação para desenvolver o hábito de lê por parte do professor regente.

Em contrapartida, a escola privada cumpre seu papel por proporcionar momentos de leitura diversificada por parte da professora, onde a mesma demonstra para seus alunos a importância da leitura enquanto objeto de informação e prazer.

Diante do tema deste artigo é dever do educador em parceria com toda equipe pedagógica ampliar seus conhecimentos com diferentes tipos de textos, para que seus alunos ampliem suas concepções de leitura para além do cotidiano escolar.

Com isso, a pesquisa realizada mostrou que é imprescindível que o educador promova um ambiente alfabetizador onde o aluno se sinta motivado a desenvolver a autonomia bem como a questionar o que está sendo lido.

Referências bibliográficas

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia: geral e do Brasil**. 3 ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- BOSSA, Nadia A. **Dificuldades de aprendizagem: o que são? como tratá-las?** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- CHARMEUX, Eveline. **Aprender a ler: vencendo o fracasso**. São Paulo: Cortez, 2000.
- DEMO, Pedro. **Leitores para sempre**. Porto Alegre: Mediação, 2006.
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. 24 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 49 ed. São Paulo, Cortez, 2008.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. **Professora sim tia não**. São Paulo: Olho d'Água, 2006.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?**. São Paulo: Brasiliense, 2006
- MELO, Dinorá Machado. **Professora, é pra ler ou entender?: um estudo sobre a leitura de futuros professores**. Niterói: Intertexto; São Paulo: Xamã, 2003.
- PREFEITURA, da cidade do Rio de Janeiro – Secretaria Municipal de Educação. **A multieducação na sala de aula: leitura e escrita**. 1996.
- SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 17 ed. São Paulo: Ática, 2002.
- _____. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Dunya, 1999.
- WEISZ, Telma. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2006.